

ECONOMIA

A corda bamba da estabilidade

Criadores do Plano Real temem volta da indexação mas divergem sobre o futuro

Sergio Marques/22-12-93

Cristina Alves e Ronaldo D'Ercole

RIO e SÃO PAULO

A indexação deve ser encarada como o inimigo número um do próximo governo. Com a inflação em alta e a desconfiança dos investidores estrangeiros, a estabilidade econômica só será mantida, após oito anos de Plano Real, se a equipe do governo Lula enfrentar as pressões para que a economia seja reindexada, repondo as perdas passadas. O diagnóstico é de economistas que idealizaram o Real e hoje estão em cargos da iniciativa privada. São observadores que não participam mais das decisões do governo Fernando Henrique, embora ainda frequentemente, ocasionalmente, a ante-sala do presidente.

Após oito anos de estabilização, o programa que derrubou a inflação de 35% ao mês dá sinais de fadiga? As metas de inflação fracassaram?

— Não, claro que não. O cansaço é dos juros altos — confia um dos pais do Real. — O rumo da estabilidade ainda está firme. Basta o PT não fazer nenhuma bobagem que as expectativas mudarão e teremos condições de retomar a trajetória de inflação controlada e juros menores.

— Não perdemos. Saímos da hiper — diz o ex-presidente do BC Gustavo Franco. — O que é preciso saber é se haverá resistência à política monetária mais apertada — diz ele, que aposta em nova alta de juros.

Câmbio é motivo de divergência

• Nas crises que o país enfrentou em 1999, com a desvalorização, e em 2001, o forte recuo da moeda não foi acompanhado por uma inflação tão descontrolada como agora. Por quê?

— Por que o dólar foi de pouco mais de R\$ 2 para R\$ 3,70? Porque acham que o PT é um bando de malucos. Basta provar que não são — diz outro pai do Real.

Já Edmar Bacha, que teve papel fundamental na elaboração da base constitucional que garantiu o êxito do plano, não é tão otimista. Por suas projeções, o dólar ficará perto dos R\$ 4 e os juros, na faixa de 20,9% ao longo do ano que vem. Por isso, ele prevê crescimento econômico de apenas 0,5% em 2003.

— Conseguimos vencer uma doença (a inflação) mas se você continuar fumando, bebendo, sem fazer exercício, ela pode voltar — diz Gustavo Franco, que atribui boa parte da crise atual às incertezas



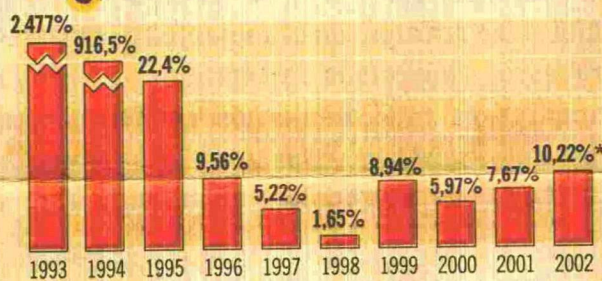
REUNIAO DA equipe econômica: da esquerda para a direita, Pedro Malan, Pêrsio Arida e Clóvis Carvalho (sentados); Gustavo Franco, Francisco Pinto e Edmar Bacha (de pé)

Editoria de Arte

▶ O que aconteceu na economia



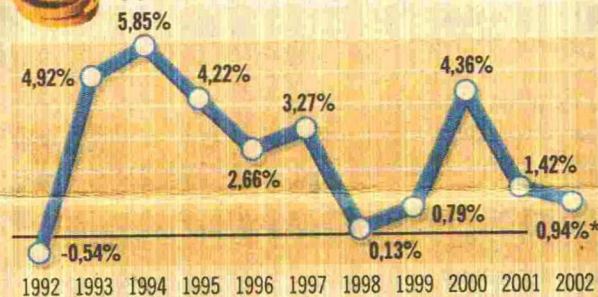
COMO FICOU A INFLAÇÃO



*Até novembro, medida pelo IPCA



COMO EVOLUIU O PIB



*Janeiro a setembro

FONTE: IBGE

sobre como o PT vai administrar a economia daqui para a frente.

Então oito anos de inflação sob controle não bastam para garantir a memória de preços e a estabilidade?

— Vivemos um equilíbrio delicado. Se permitimos que se acelere a alta de preços, isso se perde — diz outro economista que participou da elaboração do Real. Ele crê que, se Lula conseguir fazer o dólar recuar, o país pode viver um choque deflacionário, de queda generalizada dos preços.

Bacha, no entanto, prevê ainda outro problema: a aversão ao risco entre investidores internacionais continuará alta, o que dificultará o restabelecimento das linhas de crédito

externo. Pelas suas contas, mesmo com o aumento do superávit comercial e o déficit em conta corrente (balança comercial e de serviços, que inclui frete, seguros e pagamentos de juros ao exterior) caindo à quase metade, o país deve esperar queda dos investimentos estrangeiros no ano que vem.

— Independentemente do que Lula faça no começo de seu governo, será um ano difícil — admite Bacha.

Um dos mais importantes formuladores do Real, Pêrsio Arida, por sua vez, vem defendendo a livre conversibilidade da moeda para aumentar a oferta de dólares e abrir espaço para a redução dos juros. Com isso, o dólar

poderia recuar, ao contrário do que prevê Bacha. Em artigo recente, Arida sustenta que essa é a medida que falta para consolidar a estabilidade. Defensor do câmbio flutuante desde a primeira hora, ele derrotou a proposta de André Lara Resende de deixar o câmbio fixo, na concepção do Real.

As metas de inflação deve ser mantidas, defendem os pais do Real. Mas em bases mais críveis. Manter a meta em 4% para 2003 seria um tiro no pé. Gustavo Franco concorda com um de seus ex-colegas da PUC: o BC aceitou sacrificar um pouco da sua credibilidade deixando as metas extrapolar para evitar um desemprego maior. Do contrário, teria sido pior. ■